

**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS E PEDAGÓGICAS DA FOTOGRAFIA E DO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Marcio Romeu Ribas de Oliveira
Lyana Virgínia Thédiga de Miranda

RESUMO

Esta é uma reflexão sobre as possibilidades da criação de imagens na Educação Física sob a perspectiva metodológica-pedagógica participativa, com o uso das tecnologias digitais móveis e no âmbito da Cultura Digital, de forma a estabelecer uma produção-reflexiva, construir significados e emancipar as práticas, ampliando a dimensão ética e estética na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Digital; Produção imagética; Mídia-Educação Física.

1. INTRODUÇÃO

Este texto é fruto de uma reflexão sobre a produção de imagens como possibilidades metodológicas e pedagógicas no campo da Educação Física. Para tanto, utilizamos como ponto de partida a realização de dois *workshops* – um de fotografia e outro de produção audiovisual –, realizados no I Seminário Internacional em Mega Eventos Esportivos (SIME)¹. Com base na Mídia-Educação Física, ponderamos a produção de imagens, utilizando as tecnologias digitais móveis (câmeras digitais, *smartphones* e *tablets*), como uma possibilidade de ultrapassar o “simulacro” do movimento humano – pautado em práticas fragmentadas, descontextualizadas e excessivamente especializadas – inserindo-o em uma realização metodológica-pedagógica que se situa, ao mesmo tempo em que está imersa na cultura digital, sempre de forma crítica, participativa e colaborativa.

Assim, propormos que a produção de imagens – estáticas e em audiovisual – seja tomada como um método reflexivo-ativo sobre temáticas que, genuinamente, abarcam (ou devem abarcar) as práticas corporais e a cultura de movimento – temas caros à Educação Física –, presentes no cotidiano escolar. Isso significa promover um processo de investigação-ação em conjunto com as práticas pedagógicas, que estimulem os participantes à refletirem, por meio de suas produções imagéticas, sobre suas próprias experiências corporais.

¹ O I Sime foi organizado pelo Laboratório de Estudos em Educação Física, Esporte e Mídia - LEFEM e realizado na cidade de Natal (RN), em novembro de 2014.



Desta forma, ao tomar a produção de imagens como um processo de investigação – inserido no escopo da Educação Física – em um componente metodológico e pedagógico, entendemos que esta pode ser uma possibilidade de reflexão sobre as identidades e sobre a participação dos indivíduos não só como consumidores, mas como construtores de culturas, entre elas as culturas digitais e de movimento. No sentido mais amplo, esta pode ser uma possibilidade de ultrapassar (velhas) cisões – corpo/mente, sujeito/ambiente, natureza/cultura, entre outras, que deixam de ser debatidas e mesmo ponderadas como componentes no processo de significação e na construção de conhecimentos, sobretudo no âmbito da Educação Física escolar e no seu diálogo com a cultura digital.

2. A PRODUÇÃO DE IMAGENS COMO APORTE METODOLÓGICO-PEDAGÓGICO: UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO NA BUSCA POR NOVAS PRÁTICAS

Foi na pesquisa *Balinese Character: A photographic analysis* (1942), que o biólogo e antropólogo Gregory Bateson, em parceria com Margaret Mead, “abalou” a hegemonia da escrita no processo etnográfico ao utilizar câmeras – e imagens – como caderno de campo². Pela primeira vez, fotografias e tomadas em vídeo eram usadas, de forma sistemática, no âmbito da observação científica, ultrapassando o patamar de simples gravuras anexadas ao texto escrito. Assim, o que eram apenas utensílios – naquele caso, *Leicas* 35mm e uma câmera de 16mm, responsável pela composição de cerca de 35 metros de imagens em movimento – consolidaram-se como ferramentas metodológicas em investigações científicas que incidem o foco, seguindo Bateson, “na significação e no contexto do movimento” (BATESON, 1977, p. 284).

Inédita até aquele momento, a iniciativa dos pesquisadores fundou toda uma disciplina, ou nova corrente investigativa, – não só na Antropologia, mas de igual importância para o âmbito das Ciências Sociais – que se valem da linguagem imagética e audiovisual para além da mera elucidação. Da motivação – no caso de Bateson, a famosa crítica dos pares à pesquisa etnográfica que deu origem ao livro *Naven* (Bateson, 2006) – à concepção de *método* que lança mão de imagens (estáticas e em movimento), a característica principal está na possibilidade de se registrar “uma sequência que define um traço cultural” (CANEVACCI,

² Para a realização da pesquisa juntamente com Margaret Mead, que culminou no livro *Balinese Character: A Photographic Analysis* (1942), foram registradas 25 mil fotos, das quais 759 compõem o livro, e 7 mil metros de películas 16mm.



2012), construído, sempre, em interação.

Assim, fotografia, cinema, e as diversas possibilidades de unir o áudio ao visual em comunicações que extrapolam o verbal e se concentram, igualmente, na dinâmica do texto não-verbal – que (re)inclui o corpo e o movimento por meio de gestos, comportamentos e costumes, como componentes ativos no “jogo” do processo comunicativo – os registros imagéticos são tomados em sua potencialidade metodológica e formativa. Para tanto, se valem do entrelaçamento de observação, participação e conhecimento de sujeitos imersos nos diferentes contextos socioculturais e em seus *diálogos com os mundos* (Freire, 2011), como componente primordial na criação de significados.

Hoje, mais de 70 anos após a incursão de Bateson e Mead ao vilarejo de *Bajoeng Gede*, em Bali, falar sobre a presença das câmeras e das imagens no campo pedagógico-científico, sobretudo nas pesquisas localizadas na interface Educação-Comunicação – espaço desta pesquisa que tem como base a Mídia-Educação Física (Pires *et al.*, 2012) – não é, ainda, um lugar comum. E, como no campo da Antropologia – que mantém sua fatia questionadora da validade da imagem no terreno para além da instrumentalização dos métodos tradicionais –, o uso da imagem na escola como possibilidade investigativa e formativa, sobretudo como registro do corpo em movimento e em constante interação com o ambiente (Bateson, 1986; Ingold, 2010), ainda se localiza à margem.

Mas, será ao deslocar o pesquisador do *status* de arauto da interpretação objetiva, para realoca-lo como participante da investigação, que a contribuição de Bateson ultrapassa o âmbito da Antropologia para alcançar um caráter interdisciplinar, que também abarca a Educação Física. Nesse novo “lugar”, o pesquisador se torna um *observador-participante* que, a mesmo tempo em que investiga, constroi a realidade investigada por meio do seu olhar, seja ele através de um frame, um enquadramento, ou uma sequência fílmica, igualmente ativas e participantes.

Ao confluir os papéis, o observador não só se insere no escopo da observação, como os sujeitos investigados têm a oportunidade de participar igualmente como investigadores de suas próprias práticas. Isto significa a possibilidade de uma metodologia de investigação ser, ao mesmo tempo, um processo de intervenção social. Inserida na escola, a dinâmica observador-observado/investigação-ação abre espaço para outro movimento, que se concentra na dialética entre ensino-aprendizagem. Essa é a premissa das *metodologias participativas*, na qual se inserem a pesquisa-ação (Thiollent, 2000) e, mais recentemente, as metodologias de



vídeo participativo (White, 2003; Alvarez, 2009; Zanotti, 2013) e *fotografia participativa* (Meirinho, 2014), foco deste trabalho.

Inseridas no contexto da cultura digital, as metodologias participativas – colaborativas por definição – trazem ao processo de ensino-aprendizagem a oportunidade de se trabalhar com abordagens que: 1) demandam a *participação ativa do aluno*; 2) ponderam o lugar do *professor como um mediador* capaz de transitar entre contextos e ambientes que compõem as aprendizagens; 3) se pautam em *abordagens de comunicação participativas* (White, 1994) em atividades construídas em conjunto e, 4) a atenção ao *lugar do corpo e do movimento* – permeado pelas tecnologias digitais – na construção da experiência.

Longe de ser uma novidade, as metodologias participativas – bem como a perspectiva ativa da intervenção e dos sujeitos como construtores e transformadores de seus ambientes – remontam as pedagogias de Freire (2011) e Freinet (1974). De forma breve, em ambos o foco está na necessidade de a escola adotar as linguagens do nosso tempo (Freinet, 1974) a partir de uma relação dialógica entre cultura, ambiente e sujeito, que recusa os olhares uniformizados ao mesmo tempo em que admite as diversas comunicações nesse processo. Hoje, o desafio de pensar as múltiplas linguagens do nosso tempo na educação está em pensá-las no cenário da cultura digital e no âmbito da Educação e, de forma mais específica, da Educação Física.

3. COMUNICAÇÃO, SOCIABILIDADE E CULTURA DIGITAL: IMAGENS PARA ALÉM DA REPRESENTAÇÃO³

Não é necessário irmos muito longe para percebermos a imperiosidade das imagens na sociedade contemporânea, desde a comunicação móvel aos espaços de convivência virtual de nossas sociabilidades – as redes sociais. Imagens que proliferam e ocupam nossos tempos e espaços, tanto escolares como não escolares, e essas imagens significam das mais diversas formas e participam dos modos de ser e viver na contemporaneidade.

Os modos de comunicar e informar são basicamente praticados nestas formas pelas crianças e jovens, o que implica acreditar na reprodução dessas imagens pelas redes sociais e, também, pela autoria de produtos imagéticos, que se manifestam nos *selfies* postados nos aplicativos de armazenamento e compartilhamento dessas fotografias. Curtir e compartilhar

³ Este tópico é um exercício de atualização do texto Cultura de movimento e fotografia na educação física escolar, de Oliveira (2005), refletidos a partir da oficina desenvolvida no SIME.



são as ações mais praticadas entre as crianças e jovens na cultura juvenil. A necessidade de fazer a informação comunicar aos outros seus sentidos e significados é outro movimento, que é um espaço e tempo educativos dos processos contemporâneos.

De tal forma encontrar nesses modos as formas de comunicar e informar passa a ser um dos propósitos da educação contemporânea, a fim de estabelecer conexões com a cultura juvenil, a escola e suas narrativas pedagógicas tecem seus significados na *convergência cultural*, pensando na mobilidade da aprendizagem como um aspecto que pode acessar esses modos e produzir outros sentidos e significados. Usando a mobilidade como parâmetro para compor o tecido da aprendizagem.

A sociedade contemporânea estabelece com o campo da imagem, um dos seus principais artefatos culturais de comunicar e informar. É nas práticas de visibilidade e do olhar que o mundo e suas formas de sociabilidades vão sendo tecidas na vida cotidiana. É na imagem e no seu consumo uma das principais formas de estabelecermos nossos contatos sociais, de tal maneira que as práticas culturais do olhar são hipertrofiadas nas mais diversas redes sociais, como *Facebook* e *Instagram*. E que vão organizando as formas de comunicar e informar mais tradicionais, como a televisão, jornais e revistas.

Na proposta desse mundo-imagem Sontag (2004) os estímulos diários são de forma direta e indireta, as emergências cotidianas das redes móveis organizam e tematizam nosso cotidiano. Num simples clique na página inicial, na rede social de maior incidência no Brasil, somos provocados a praticar nossos olhares para inúmeras imagens, em seus mais diversos sentidos, desde as imagens “meigas” de animais, aos ícones “mercadológicos” da cultura pop, imagens “estandardizadas” do corpo outro, anúncios de consumo “arranjados” pelas buscas mais frequentes. Verdadeira maquinaria produzida pelos caminhos que trilhamos nas redes de sociabilidades virtuais, o que indicia que nossas imagens mais cotidianas são organizadas pelas preferências de nossas curtidas, comentários e compartilhamentos. Nossas visualidades são os percursos de nossas clicadas e curtidas, e nossas clicadas e curtidas são o provisório nas nossas identidades produzidas pelas redes que nos comunicam e informam, quem somos e o que queremos ser cotidianamente.

Nesse *mundo-imagem* instantâneo e móvel nas redes virtuais o uso de nossos desejos de consumo apontam nossas identidades na rede. E incidiria nos sentimentos móveis dessas imagens, em especial a fotografia e o vídeo, como possibilidade de representação do mundo real de nossas imagens virtualizadas e também como uma experiência lúdica de desconstrução



da identidade desse real (Dubois, 2004). Essas imagens nas redes sociais assumem suas possibilidades como um exercício de colagem de diversos sentidos, uma convergência da realidade e da simulação, em apenas um dispositivo de suporte.

Esse encantamento pelo excesso em nossas vidas cotidianas, avança em nossas práticas culturais do olhar como sentidos hipertrofiados e essenciais para compreendermos essas narrativas visuais. Se compreendermos que essas práticas são produzidas na/pela e com a cultura, como argumenta Achutti (1997, p.42) “o olhar não é individual, ele é determinado social e conjunturalmente”. É pertinente problematizarmos os excessos que as redes vão promovendo em nossos olhares, excessos éticos, estéticos, vulgaridades de toda ordem, na explosão de comportamentos antes difusos na sociedade, e que agora perambulam como “zumbis” à procura de uma audiência. Num mundo excessivo há espaço para todas as identidades, mesmo aquelas que aparentam a intransigência, o ódio e a violência de não se relacionar com a diferença, como práticas democráticas de divergir.

A imagem em nossas redes sociais vai assumindo uma compreensão mítica, o que atesta Joly (2003, p. 19, grifos nossos), ao se referir ao conceito da palavra imagem:

Instrumento de comunicação, divindade, (...) assemelha-se ou confunde-se com o que representa. Visualmente imitadora, pode *enganar ou educar*. Reflexo, pode levar ao conhecimento. A Sobrevivência, o Sagrado, a Morte, o Saber, a Verdade, a Arte, se tivermos um mínimo de memória, são os campos a que o simples termo “imagem” nos vincula. Consciente ou não, essa história nos constituiu e nos convida a abordar a imagem de uma maneira complexa, a atribuir-lhe espontaneamente poderes mágicos, vinculada a todos os nossos grandes mitos.

E de certa maneira o que pensamos do mundo-imagem e como essas imagens pensam e comunicam o nosso mundo-imagem, e como nossas redes sociais pensam de nós em relação ao mundo. Elas apontam uma pretensa prática subjetiva que, vez por outra, como um robô com vontade própria, emerge em nossas práticas de olhar, somos nós que olhamos o que vemos, ou o que vemos é o que institui o que olhamos?

Para Santi (2003, p. 4, grifos nossos), a imagem tratada pela indústria, produz:

A questão da produção cultural, da indústria do entretenimento e da imprensa – de uma outra forma – têm, na sua origem, uma relação com a questão artística, que remonta aos primórdios da filosofia. Trata-se da

legitimidade “ontológica” da imagem, de tudo aquilo que significa a duplicação do real. O poder ambíguo da imagem está na sua independência para como a realidade efetiva, a possibilidade de ser manipulada, moldada, segundo todo tipo de apelo. Lentamente, a produção de imagem sai das mãos dos artistas e de sua produção artesanal e limitada, *para transformar-se em cópias infinitas e imateriais de uma realidade distante e perdida.*

A imagem industrial vai sendo produzida e transformada em suas mais diversas formas de experimentarmos e vivermos a realidade, é possível acreditar que é por meio delas que são tecidas nossas identidades, elaborando aquilo que pretendemos ser em nossos muitos perfis. Assim, ao pensarmos na aprendizagem e a mobilidade como uma das características da cultura digital, um dos aspectos que são possíveis de uso, como estratégia educativa, pode ser a imagem – seja ela fotográfica ou em movimento. Para tanto, é necessário pensarmos na imagem de maneira coletiva e em seus mais diversos empregos possíveis no cotidiano escolar de forma a investir nessas situações como possibilidades críticas, criativas e éticas com as imagens na Educação Física.

4. AS POSSIBILIDADES DA FOTOGRAFIA E DO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Walter Benjamin (1991b, p 240), no ensaio sobre a Pequena história da fotografia, indica de forma emblemática uma passagem que é importante na contemporaneidade: “o analfabeto do futuro não será aquele que ignora o alfabeto, mas aquele que ignora a fotografia”. Não podemos negar a importância das imagens, e da fotografia em nossa sociedade e da emergência imprescindível de pensarmos estratégias e táticas para criticar e problematizar suas presenças em nossos tempos e espaços escolares e no cenário específico da Educação Física escolar.

Walter Benjamin, no século XX, acreditava que a vida moderna se envergava em situações vividas pelo sujeito moderno nos diversos mergulhos na dispersão e na atenção, que forjariam a aura subjetiva na modernidade, essas investidas na vida vivida são os modos de ser e viver que serão sentidos na “experiência” da modernidade, e que estão muito conectadas com as práticas culturais do olhar.

Benjamin percebeu as emergências presentes pela modernidade, o autor destaca, “transformações sociais muitas vezes imperceptíveis acarretam mudanças na estrutura da recepção, que serão mais tarde utilizadas pelas novas formas de arte” (Benjamin, 1985a,



p.185). Ao diagnosticar tal devir, é evidente que essas possibilidades tecidas na gênese dos dispositivos modernos de fixar imagens tornariam-se um dos motores das novas redes de sociabilidades. Benjamin via nessas alterações outras formas de viver cotidianamente e já para Debord (1997), a moderna sociedade vai convergir no espetáculo. Benjamin com seu passo *flâneur* e suas práticas de olhar as passagens na cidade modernizando-se, foi tocado pelos sentidos de mudança que iam sendo imaginados.

Disso tudo e para nós é possível perceber que as máquinas de fotografar e filmar na contemporaneidade, são os modos de viver o nosso tempo e espaço, o devir das possibilidades imaginadas pelo pensamento benjaminiano, está no uso cotidiano dos celulares e *smartphones* como elementos da cultura juvenil e infantil.

Diante das experiências com as imagens nada é mais relevante no estado atual de dispersão excessiva causada pela presença maciça de suportes, parar e fixar como uma pedagogia no uso das imagens no contemporâneo, “assim como as fotos dão às pessoas a posse imaginária de um passado irreal, também as ajudam a tomar posse de um espaço que se acham insegura” (SONTAG, 2004, p. 19).

No campo da Educação Física escolar, no que se refere à prática pedagógica, os usos e experiências com a fotografia e com o audiovisual, ao que tudo indicam, permanecem frágeis na sua relação com as manifestações da cultura de movimento. Nesse sentido, insistimos em aproximar tais temáticas, problematizando essa discussão.

Dialogar através das manifestações da cultura de movimento “congeladas” pelo argumento da “objetiva”, ou em composições com o som, tornaria possível outras narrativas e discursos acerca da cultura de movimento, enfim outras práticas culturais de nossos olhares, deslocadas através da produção de crianças e jovens que se envolvem nessas manifestações, o que poderia contribuir de forma efetiva para a elaboração de outros sentidos e significados sobre a cultura de movimento e suas variantes na cultura juvenil e infantil.

4.1 Passos para a fotografia participativa

Num primeiro momento a fotografia pode ser utilizada como experiência subjetiva, como apreensão da técnica e registro dos sujeitos que participam das experiências em relação às práticas corporais no jogo, na dança, no esporte e na ginástica, objetivada pelo sujeito que fotografa essas manifestações. Essa primeira situação é a apreensão do domínio técnico, um



primeiro momento de aproximação ao campo fotográfico, experiência que pode vir a ser comunicada para outros.

Num segundo momento para olharmos as manifestações da cultura de movimento na escola, fotografias dos tempos e espaços em que ocorrem as manifestações da Educação Física, situações estas que podem nos fazer entender quais as práticas que se vislumbram no espaço da escola? Como se organizam? Quem participa das aulas? Como são as relações de gênero nas brincadeiras, jogos e manifestações esportivas? Esse momento é importante para olharmos o cotidiano da Educação Física na escola, perceber o que estamos fazendo em relação às experiências e situações dinamizadas nas intervenções produzidas pela aula de Educação Física, quais os espaços e tempos dessa intervenção.

Num terceiro momento como registro do espaço da escola, quais os espaços que são utilizados para a prática corporal? Como é o espaço da Educação Física na escola? Quadras poliesportivas, quadras de areia, campos, etc.? Como são orientadas as intervenções, o esporte é predominante nessas intervenções? Essas dimensões espaciais determinam o que deve ser feito nas aulas de Educação Física?

Num quarto momento como registro da produção do/a professor/a que desenvolve as ações educativas na escola. Fato esse que registra e organiza a prática pedagógica do/a professor/a, contribuindo de forma significativa para os fazeres e saberes que fundamentam a intervenção. Dessa forma se articula uma teia de conhecimentos que se relacionam com as manifestações da cultura de movimento, o campo da arte, da história, entre outras disciplinas, podem estar conectadas nessas intervenções. O uso de fotografias pode sensibilizar as crianças e jovens com a cultura de movimento, fotos históricas que podem contribuir para entendermos as transformações dos nossos corpos e do fenômeno esportivo, assim como a memória dessas manifestações nas culturas regionais e locais.

Nesses exercícios é possível ampliar as possibilidades de entendimento das práticas culturais corporais, esportivas e de lazer que são objetivadas na escola, visto que essas práticas culturais precisam ser enfrentadas pelos/as professores/as de Educação Física, de outro modo esses enfrentamentos estão ausentes dos debates na área, assim é que foi proposta uma experiência com estudantes de Educação Física.

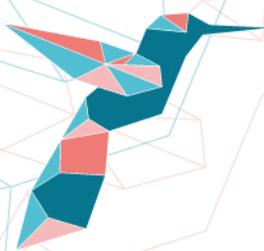
Na oficina “Os usos da fotografia na Educação Física escolar”, desenvolvida com estudantes de Educação Física, no I SIME, tivemos dois momentos, no primeiro uma



discussão sobre as dimensões técnicas da prática de fotografar⁴ e num segundo momento a possibilidade de captar e registrar os tempos e espaços do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O sentimento é de provocar o uso dos telefones celulares, *smarthpones*, *tablets*, de forma a estabelecer uma experiência com esses equipamentos, no sentido de emancipar as práticas automáticas e ampliar a dimensão ética e estética no ato de fotografar. As fotografias estão disponíveis nas redes sociais, como outra maneira de divulgar as produções dos/as estudantes.



⁴ Outras fotos estão disponíveis neste perfil do Facebook <https://www.facebook.com/marcioromeu.oliveira/photos?pnref=lhc>, nos arquivos de dispositivos móveis. As fotos foram tiradas por estudantes de Educação Física, no campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Educação Física.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE





XIX CONBRACE

VI CONICE

08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE





**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE





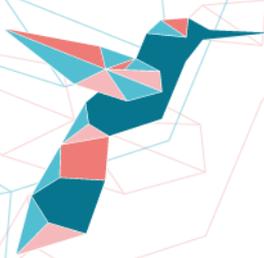
As experimentações pedagógicas sobre as práticas culturais esportivas e suas interações com outras representações, nas mais diversas linguagens no cotidiano escolar, apontam outras narrativas possíveis na escola. E disso podemos compreender a contribuição da fotografia como elemento mobilizador das práticas do olhar com as manifestações da cultura de movimento, convergindo no uso das tecnologias móveis de comunicação. É necessário, também, não cairmos em armadilhas redentoras sobre o uso desses dispositivos nas práticas educativas na Educação Física, é claro que os experimentos com essas técnicas refinam os sentidos das práticas de nossos olhares e suas narrativas, o que qualifica a comunicação das crianças e jovens sobre o que olham no cotidiano, e como esse olhar pode tensionar as práticas da cultura na escola, entre elas a de movimento.

4.2 As possibilidades do vídeo participativo

Caracterizado como um conjunto de técnicas que envolve um grupo ou comunidade na produção e criação de seu próprio filme (White, 2003), o vídeo participativo é aqui tomado como uma metodologia que alia as características principais da mídia-educação no seio de uma educação contemporânea. Nela, o foco está na possibilidade de criar, comunicar, participar, compartilhar e, acima de tudo, refletir sobre uma realidade social utilizando como tema seu próprio contexto sociocultural.

Nesse *fazer-se ver*, estamos vendo e sendo vistos ao mesmo tempo em que refletimos e fazemos refletir. Assim, no campo de possibilidades de criação e gêneros audiovisuais que compõem a cultura digital – entre eles o documentário, a animação, o videoclipe, o *remix*, e outros – a produção audiovisual no contexto escolar se caracteriza pela possibilidade de compartilhamento, que amplia a “experiência social e cultural do ver, ressaltando seus impactos na formação de identidades e subjetividades” (TOURINHO, 2011, p. 5).

Assim, com o objetivo de sensibilizar os participantes – graduandos e professores de Educação Física – para a importância de se instituir um diálogo entre o campo da Educação Física e a Cultura Digital, vislumbramos com a oficina “Mídia-Educação Física em tempos de megaeventos esportivos: práticas reflexivas no contexto da cultura digital”, uma oportunidade para se instituir uma perspectiva social, colaborativa, crítica e cidadã do uso das mídias e tecnologias digitais na escola.



Em um total de quatro horas, o encontro foi realizado em três momentos: um inicial, no qual foram apresentados e debatidos alguns conceitos-chaves como Mídia-educação e Mídia-educação Física bem como a metodologia do vídeo participativo; um período para a produção de um audiovisual coletivo, e um momento final, para a apresentação das produções, avaliação e reflexão sobre as atividades⁵.

Para além do processo, a oficina se propôs como um espaço de reflexão, no qual os professores e futuros professores puderam questionar: *a quem essa mensagem se endereça? Que público quer atingir e por quê? Quais “vozes” estão expressas? Quais estratégias usadas para fazer com que quem está assistindo se sinta incluído, sensibilizado, incorporado? Como os elementos e códigos usados afetam o que vemos, ouvimos ou sentimos (trilhas, fontes, cores, enquadramentos, etc.)?*

Com essas questões – caras à uma abordagem mídia-educativa – quem produz percebe que, tanto no produto por ele criado quanto nos veiculados nos mais diversos canais e em vários formatos, as imagens, locuções, transições, recortes, planos e enquadramentos, embutem a *intenção* de quem o produziu. Desta forma, já na produção, o audiovisual é reflexivo-ativo: busca formar e transformar sejam as práticas, os lugares, os modos de ver e ver-se, ou ainda de pensar sobre algo ou alguém. É nesse sentido que buscamos ampliar o olhar sobre a importância de tomar a Educação Física em seu viés cultural, e da pesquisa em seu caráter formativo.

Isso significa mudar o foco e ponderar os temas próprios à área – entre eles o lazer, as práticas corporais e esportivas, os cuidados com o corpo (saúde/bem estar e estética) –, elementos da cultura digital. Uma constatação que traz à Educação Física – como um componente curricular –, a necessidade de abarcar a construção de formas compartilhadas de linguagem e expressão adequadas à contemporaneidade, ou seja, incorporando em suas práticas as tecnologias digitais sob a uma perspectiva participativa, cultural e cidadã.

5. CONCLUSÃO

⁵ Divididos em dois grupo com cerca de dez participantes cada, a criação do audiovisual seguiu três etapas básicas: a *pré-produção* com a construção de um roteiro coletivo; a *produção* com organização dos papéis de cada participante para a captura das imagens, coleta de depoimentos, escolha dos lugares para as tomadas, e a *pós-produção* na qual o material foi editado e apresentado ao grupo.

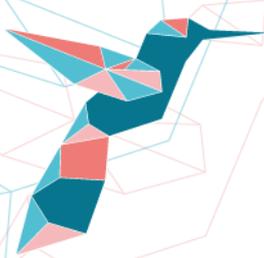


Canevacci (2012) argumenta que os pensamentos de Bateson e Benjamin – teóricos-chave para este texto e para uma reflexão maior da produção de imagens nas Ciências Sociais – se encontram, sutilmente, na *composição*. Contemporâneos, ambos viveram um paralelo, que se converge quando pensamos a própria montagem como método: de textos, imagens, culturas, corpos e linguagens.

No cenário da cultura digital, e desta entrelaçada à escola, a criação de imagens no âmbito da Educação Física nos aproxima de outro paralelo que, desta vez, funciona como uma via de mão dupla, e com efeitos retroativos. Não é só a produção de imagens que “empresta” situações para a reflexão sobre aspectos metodológicos e pedagógicos sobre os temas da Educação Física neste (novo?) contexto. O caminho inverso também é importante: a Educação Física – por sua própria especificidade –, pode sugerir uma leitura menos “convencional” e mais interdisciplinar, dinâmica e participativa do processo de ensino-aprendizagem nesse cenário contemporâneo, permeado pelas tecnologias digitais.

Nessa especificidade, a Educação Física alça um lugar privilegiado ao pensar as novas aprendizagens e os multiletramentos que emergem das práticas da cultura digital (Cope & Kalantzis, 2012), ao tematizar o corpo, o movimento e as possibilidades de toma-los como linguagens. É nesse sentido que ponderamos a criação de imagens no âmbito da Educação Física e na escola, seja por meio da fotografia e da produção audiovisual – como uma possibilidade de produção cultural, que tem a escola como um espaço propício para a construção de significado por meio da produção, montagem e remontagem de objetos da cultura. (Rivoltella, 2014).

Contudo, cabe perguntarmos: até que ponto podemos considerar essa participação como uma criação – crítica, criativa e colaborativa – de conteúdos e de cultura? Como a habilidade técnica, de manipular as ferramentas, criar e circular conteúdos, pode ser entrelaçada ao viés crítico que pondera as relações e interesses socioculturais, políticos, comerciais e econômicos – que também compõem os temas caros à Educação Física? Com esse panorama, entendemos que o campo da Educação Física – da formação inicial e continuada até o âmbito escolar – se constitui como um importante espaço para aliar a Educação à cultura digital, em um movimento de uma educação com, sobre e através da experiência de *ver e fazer-se ver*.



REFLECTIONS ON THE METHODOLOGY EDUCATIONAL OPPORTUNITIES FOR
PHOTOGRAPHY AND AUDIOVISUAL IN PHYSICAL EDUCATION AT SCHOOL

ABSTRACT

This is a reflection on the possibilities of creating images in Physical Education under the participatory methodological-pedagogical perspective, with the use of digital mobile technologies in the context Digital Culture, in order to establish a production-reflective, construct meaning and empower practices, expanding the ethical and aesthetic dimension in school.

KEYWORDS: *Digital culture; Image production; Media-Physical Education*

REFLEXIONES SOBRE LAS OPORTUNIDADES DE METODOLOGÍA DE
ENSEÑANZA DE FOTOGRAFÍA Y AUDIOVISUAL EN EDUCACIÓN FÍSICA EN LA
ESCUELA

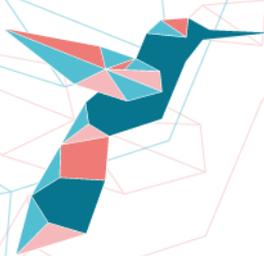
RESUMEN

Esta es una reflexión sobre las posibilidades de crear imágenes en Educación Física en el punto de vista metodológico-pedagógico participativo, con el uso de las tecnologías móviles digitales en el contexto de la Cultura Digital, con el fin de establecer una producción-reflectante, construir el significado y la autonomía de las prácticas, la ampliación la dimensión ética y estética en la escuela.

PALABRAS CLAVES: *Cultura Digital; Producción de imágenes; Media-Educación Física;*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAREZ, Gabriel O. Satereria. Manaus: Valer, 2009.
- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca, 1997.
- BATESON, Gregory. *Naven: um esboço dos problemas sugeridos por um retrato compósito, realizado a partir de três perspectivas, da cultura de uma tribo da Nova Guiné*. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind*. Library of Congress Cataloging-in-Publication Data, 1977
- BATESON, Gregory. *Mente e natureza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1986
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Walter Benjamin*. São Paulo: Abril cultural, 1980.(Coleção Os Pensadores)
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *Magia e técnica, arte e política..* São Paulo, Brasiliense, 1985a.
- _____. Pequena história da fotografia. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1985b.
- _____. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, F.(Org.). *Walter Benjamin: Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1991 a.



_____. Pequena história da fotografia. In: KOTHE, F.(Org.). *Walter Benjamin: Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1991b.

_____. *Reflexões sobre a criança, o brincar e a educação*. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2002.

CANEVACCI, Massimo. Multivídeo conectivo: Gregory Bateson. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 64, n. 1, Jan. 2012. Disponível em: <http://goo.gl/TmG4KQ> Acesso em: 05 Abr. 2015.

COPE, Bill. KALANTZIS, Mary. *Multiliteracies. Literacy learning and the design of social futures*. New York: Routledge, 2012

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUBOIS, Philippe. *O Ato fotográfico e outros ensaios*. 8ª edição. Campinas: Papyrus, 2004.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* São Paulo: Paz e Terra, 2011

FREINET, Celéstin. *O Jornal escolar*. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papyrus, 2003.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, v. 33, n. 1, 2010. Disponível em: <http://goo.gl/XzvzcK> Acesso em: 13. Jul. 2014

MEIRINHO, Daniel. Olhares em Foco. Um projeto de fotografia participativa para o desenvolvimento social de jovens no Brasil e em Portugal. In. ELEÁ, Ilana. *Agentes e Vozes. Um panorama da Mídia-educação no Brasil, Portugal e Espanha*. Gothenburg: Nordicom, 2014, p. 187-197

OLIVEIRA, Marcio Romeu Ribas de. Cultura de movimento e fotografia na educação física escolar. *Movimento (ESEF/UFRGS)*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 147-163, dez. 2005. ISSN 1982-8918. Disponível em: <http://goo.gl/RqZumN> Acesso em: 15 Set. 2014.

PIRES, Giovani Lorenzi.; LAZZAROTTI FILHO, Ari; LISBOA, Mariana.; Educação Física, mídia e tecnologias: incursões, pesquisa e perspectivas. Santa Maria, *Kinesis*, v. 30, n.1, 2012, p. 55-79. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/010283085723>

RIVOLTELLA, Pier Cesare. *Smart Future: Didattica, Media Digitali e Inclusione*. Milano, Franco Angeli, 2014

SANTI, Angela Maria Santi *Caleidoscópio das ilusões – a questão da verdade em Walter Benjamin (e sua atualização no jornalismo)*. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. PUC/Minas, 2003. (anais, CD).

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2000

WHITE, Shirley A. *Participatory Video. Images that Transform and Empower*. New York: Sage Publications, 2003.

ZANOTTI, Ana. Olhares em progresso, olhares em processo: Uma experiência de vídeo participativo com jovens que habitam um espaço fronteiriço. *Iluminuras*, Porto Alegre, v.14, n.32, p.123-145, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://goo.gl/FZvASB> Acesso em 15. Maio 2014